



JOSÉ LUIZ Oliveira

O confronto de Samambaia

Os lamentáveis incidentes ocorridos sexta-feira à noite na 26ª DP, em Samambaia, envolvendo policiais civis e militares, revelaram não apenas a inabilidade de uma parcela da nossa polícia para lidar com casos aparentemente simples, mas também a vocação para resolver pequenas pendências pela força. Como se recorda, cerca de 80 policiais militares invadiram a delegacia para resgatar um cabo preso em flagrante por desacato. Foi uma operação típica daquelas em que quadrilhas tomam de assalto delegacias para libertar comparsas. Veio daí a lição que os PMs exercitaram em Samambaia.

Seria injusto culpar apenas a Polícia Militar. Pelo que conta o cabo Herbert Santos, os policiais civis foram extremamente violentos quando o abordaram em frente à sua casa. Chegaram a agredir-lo fisicamente, embora ele insistisse em dizer que era cabo. Sobrou até para o soldado que conversava com Herbert. Os civis teriam mandado o soldado retirar o carro da rua — ele conversava com Herbert de dentro do seu Fusca — alegando que ali não era local apropriado para estacionar. Os civis contam outra história: o cabo se negou a apresentar identificação e ainda os desacatou. Só mostrou os documentos na delegacia.

Será difícil saber quem fala a verdade. Talvez nem o inquérito que será aberto hoje consiga. Mas uma coisa é certa: faltou profissionalismo onde quer que esteja a verdade.

Ora, o cabo Herbert — na hipótese de os civis estarem falando a verdade — deixou transparecer uma arrogância inominável ao não se identificar, o que todo cidadão deve fazer ao ser solicitado pela autoridade policial. O que lhe custaria isso? Era só mostrar os documentos e continuar tomando a sua cerveja, já que estava de folga. Mas não. Envenenado pelos históricos atritos entre as duas polícias (este confronto ocorre no País inteiro), Herbert pode ter imaginado que seria curvar demais a espinha, humilhação demais para um militar que descansava com a família na porta de casa.

O cabo Herbert (lembrando, mais uma vez, que estas considerações tomam como verdadeira a versão dos policiais civis) deveria ser o primeiro a entender e colaborar com a equipe da 26ª DP, que realizava na cidade a chamada *Operação Delta* para desarmar quem portava arma ilegalmente. Um trabalho, aliás, que a

população cobra com frequência das autoridades.

Mas se a versão verdadeira é a do cabo, não há dúvida de que houve exagero dos policiais civis. Embora tivesse informação — chegada à delegacia por meio de um telefonema — de que naquela quadra, a QR 511, havia pessoas armadas —, a equipe da 26ª DP tinha de, antes de qualquer outra providência, verificar se realmente o cabo estava falando a verdade. O fato de uma pessoa se apresentar como policial não quer dizer que ela realmente o seja, fato que, de certa forma, depõe a favor dos civis. Semana passada, por exemplo, uma quadrilha uniformizada de policiais militares assaltou um apartamento no Plano Piloto. Mas não precisavam exagerar. Bastaria entrar em contato com o Batalhão da PM pelo rádio do carro. A história teria morrido lá, na QR 511.

Poderia ter sido mais grave, caso os policiais civis, arregimentados em todas as delegacias, tivessem chegado à 26ª a tempo de encontrar os militares. Seria uma guerra.

O mais lamentável em tudo isso é que este clima de beligerância vem sendo alimentado por políticos ligados

às duas polícias. Em vez de água, jogam álcool na fogueira. A última destas fofocas é espalhar que os civis estão chamando os militares de “genéricos”. Como os medicamentos, eles custam menos e fazem o mesmo efeito. Uma alusão aos baixos salários.

Pelo lado da PM, os episódios de sexta-feira coroaram uma semana de atitudes infelizes: decretação de greve quarta-feira (infeliz não pelos motivos, mas pelo momento escolhido, véspera do Sete de Setembro) e o desfile do menino Lucas, filho de um oficial do Batalhão de Operações Especiais (BOPE), na quinta-feira, Dia da Pátria, com uma arma de brinquedo.

A Polícia Civil, que se diz vítima da truculência da PM, mas que seguiu o mesmo figurino ao se deslocar para a delegacia com a finalidade de enfrentar os militares, também sai chamuscada. Exatamente no período em que colhia os frutos do eficiente trabalho de captura, na Dinamarca, de Marcelo Bauer, assassino da estudante Thaís Muniz Mendonça, morta com um tiro e 19 facadas em 10 de julho de 1987.

Em resumo, foi uma semana em que uma das melhores polícias do Brasil oscilou entre zero e a nota máxima.

Que se recupere e não faça mais besteira.

*Onde quer que
esteja a verdade,
uma coisa é
certa: faltou
profissionalismo
dos dois lados*